

# O Uso da Fotografia na Pesquisa

7

Simone Barreto de Almeida

Jornalista graduada pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Comunicação Científica e Tecnológica, pela Universidade Metodista de São Paulo. Fotógrafa e Pesquisadora.  
e-mail: [yaga@uol.com.br](mailto:yaga@uol.com.br)

# NABSTRACTRESUMORESUMENABSTRACR

<b>resumo</b>	<p>A fotografia apresenta limitações na comunicação dos conteúdos, na pesquisa ou na divulgação dos fatos jornalísticos ou históricos. O presente trabalho pontua algumas discussões sobre o uso de texto e da imagem e demonstra o método com o uso de pranchas na tentativa de articular texto e imagem.</p> <p><b>Palavras-chave: Fotografia, pesquisa, realidade, leitura, texto</b></p>
<b>abstract</b>	<p>The photography presents limitations in the communication of the contents in the research or in the popularization of the journalistic or historical facts. The present text punctuates some discussions on the text and image use and demonstrates the method with the use of boards in the attempt of articulating text and image.</p> <p><b>Keywords: photography, research, reality, reading, text.</b></p>
<b>resumen</b>	<p>El uso de la fotografía presenta limitaciones en la comunicación de sus contenidos en la pesquisa o en la divulgación de los hechos periodísticos o históricos. El presente trabajo pontua algunas discusiones acerca del uso del texto y la imagen y demuestra la aplicación de la metodología del uso de tablas en el esfuerzo de articular texto e imagen.</p> <p><b>Palabras-clave: fotografia, pesquisa, realidad, lectura, texto.</b></p>

## Imagem e etnografia

O uso de imagens na pesquisa em Ciências Sociais tem início da metade do século XX. A idéia surge da construção de uma descrição etnográfica utilizando-se de narrativas feitas a partir das imagens. O uso das fotografias ocorre de forma ilustrativa ou prova documental da estada em campo para os textos técnicos e científicos. Nesse período, os pesquisadores acreditam na idéia de uma Antropologia Visual e propõem uma linguagem visual dentro das suas múltiplas potencialidades.

Quando começa o interesse pelo uso da imagem na Antropologia, o termo Antropologia Visual foi usado como “filme etnográfico”, ou seja, filmes feitos por antropólogos. Em seus conteúdos havia a descrição das sociedades. O filme etnográfico, na opinião de Clarisse Peixoto, tem um tipo particular de gramática, uma sintaxe distinta, pela qual elabora um sistema de procedimentos, de figuras de retórica relativamente estáveis. A autora ressalta que o uso de imagens em seqüência não é milagroso, não basta registrar, a produção envolve a elaboração de hipótese, observação, antes da captação e a reflexão sobre o objeto investigado, já que se propõe a importância de transformar idéias em imagens. A elaboração de uma linguagem não-verbal se dá na interrelação das práticas cognitivas e comunicacionais, visualidade, oralidade e escrita com as linguagens da verbo-visualidade, som, fotografia, cinema, vídeo e informática. A imagem precisa de um o quê, por quê, como, para quê e para quem.

A construção da narrativa de linguagem visual articulada com o texto verbal não seria o rompimento em relação ao texto escrito, mas uma articulação harmônica entre texto-verbal e texto-visual. A imagem teria como meta captar e transmitir o que é pouco eficiente no plano lingüístico. Segundo Sylvania Caiuby, os significados múltiplos da imagem apresentam um elemento essencial na análise dos significados construídos, inculcados e veiculados pelo meio social. A análise do espectador passa por uma negociação de sentido que transcende a própria imagem e se realiza no contexto da cultura e dos textos culturais no qual ele convive. Nesse aspecto, a imagem pode ser lida como um texto e apontada por estes textos (1998, p.117).

Susan Sontag enfatiza a imagem como “um registro objetivo e testemunhal”, uma cópia ou uma transcrição fiel de um momento da realidade (SONTAG, 2003, p.26), efeito que a literatura quis, mas não conseguiu, alcançar. O uso das imagens pode informar dados etnográficos com a mesma propriedade que textos escritos para alguns pesquisadores das Ciências Sociais, como também pode desvendar o processo de comunicação de idéias, que é o que forma a base do encontro etnográfico. A fotografia é um processo de abstração legítimo da observação, pois transforma dados comuns em circunstâncias para a elaboração da análise na pesquisa.

Consciente da ambigüidade e dos limites de uso da imagem na pesquisa, o etnólogo Sébastien Darbon (2005) assume-se na contramão das atribuições conferidas ao poder de evocação, realismo e precisão no uso das imagens na pesquisa. O termo Antropologia Visual traz confusões quanto ao seu uso e sua compreensão nas Ciências Sociais, alcançando, por extensão, a área de Comunicação. A idéia de uma visualidade antropológica é utilizada na produção de fotografos das mais diversas áreas de atuação, aliando as subjetividades próprias aos recursos de imagem, contrariando o objetivo equivocado de ser mais uma disciplina da Antropologia voltada para o discurso científico racional.

No meio acadêmico, o termo foi substituído, por quem se vale da fotografia, para sua aplicação como uma prática da pesquisa, entendida como um instrumento e não como uma área de conhecimento, como se pretendeu com a chamada Antropologia Visual, buscando até sentidos poéticos e estéticos no uso da imagem como expressão e produção de sentidos. Darbon acusa os cientistas de não aplicar a mesma vigilância dada ao objeto de pesquisa quando do uso das imagens, chegando a um uso banalizado e mesmo sem sentido da fotografia.

Devemos aderir às preocupações de um maior rigor relativamente ao uso da imagem em áreas como a Comunicação Social ao disseminar a idéia da fotografia como o registro da realidade, com o poder universal de comunicar o conteúdo expresso em uma única imagem, quando não no uso de uma seqüência. Com isso, pretendemos chegar ao ensino da fotografia e de suas possibilidades de leitura diante de imagens responsáveis pela construção da memória de um país, no relato dos fatos políticos e históricos. Na construção das representações, é preciso reconhecer a existência dos atores: personagens, fotografo-autor e leitores, todos juntos realizando leituras e produzindo significados nas interpretações dos fatos.

O que falta para a fotografia tornar-se uma linguagem mais compreensível? Por que o leitor não transcende os aspectos superficiais do registro das formas e passa a desconfiar da realidade aparente diante de seus olhos? Estamos tão acostumados à imagem, mas não a olhamos em suas significações mais complexas. Nas tramas dos discursos construídos, como ressalta Boris Kossoy (1999), “diferentes e simultâneas realidades comporta a fotografia”. O autor de *Realidades e ficções na trama fotográfica* apresenta a noção da fotografia como portadora de duas realidades: a primeira realidade seria a realidade visível, o próprio conteúdo da imagem, o testemunho. A segunda é invisível, é intuída, precisa ser reconstruída com a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo. A imagem contém informações fora de sua mera aparência, passando pela construção de ficções. Desvendar a imagem é estabelecer um processo com o imaginário como fonte de informação para a reconstituição.

A fotografia, seja como fonte de pesquisa ou na divulgação de conteúdos jornalísticos, tem limitações como registro da realidade ao comprovar, para um observador mais atento, ambigüidades ao ser analisada. O caráter polissêmico da imagem, suas diversas possibilidades de leitura, torna a utilização do texto parte integrante na produção de sentido do registro visual. Um exemplo é o acompanhamento das imagens pelas legendas. Até mesmo livros com extensa documentação fotográfica de caráter jornalístico, como os de Sebastião Salgado, comprovam a importância da imagem fotográfica, mas não é possível alcançar os significados apenas pela imagem registrada. Ela não é capaz de localizar o ano do fato registrado, não pode especificar em qual país ocorreu o fato, por qual motivo as pessoas aparecem com determinadas expressões, gestos.

Ivan Lima (1988) assinala a legenda como a presença de um tempo e de um espaço representados. O tempo como época política, histórica, econômica e cultural, e o espaço como o local da rua, da cidade, do país, explicitados na legenda. Sem tais informações, a leitura fica por conta das impressões pessoais e sujeita às deduções do observador, com base em algum conhecimento histórico e cultural sobre o que ele acredita que o fato representa. A leitura de uma imagem sem a legenda e depois com o conhecimento da legenda leva a resultados completamente diferentes. Diversos fatores influenciam nas interpretações: idade, sexo, situação sócio-econômica e cultural são algumas delas. Lima (1998) acrescenta ainda que: “devido ao não-aprendizado da leitura e em razão de ter também características sugestivas, a imagem produzida pela fotografia pode ter a sua leitura induzida pela escrita.” A partir do exposto, consideramos, portanto, que, quando se pretende a descrição de uma imagem, a interpretação representa menos o que é a imagem e mais o que se pensa dela.

## A pesquisa

O trabalho de Margaret Mead e Gregory Bateson *Balinese Character* é o exemplo mais conceituado, nas Ciências Sociais, a respeito do registro fotográfico utilizado para responder as questões da pesquisa. Aos pesquisadores antropólogos é dado o crédito da exaustiva preocupação da associação adequada de texto e imagem, assumindo até a subordinação do texto à imagem, uma vez que o sentido da imagem está para ser construído por meio do discurso. Em *Balinese Character* (SAMAIN, 2004), a imagem foi concebida como instrumento integrado de um problema da pesquisa. As fotografias são acompanhadas de anotações de dois tipos, do contexto em que foram produzidas e um início de interpretação, e da descrição sistemática do que se vê na fotografia. As fotografias são montadas em pranchas para facilitar a leitura dos dois grupos de informação: texto e imagem.

Este trabalho resulta do uso da fotografia na perspectiva de fotografar para contar e fotografar para descobrir, metodologia apresentada pelo Professor Milton Guran e utilizada por ocasião da disciplina “A fotografia como instrumento de pesquisa”, ofertada pelo programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FLCH, da Universidade de São Paulo. O trabalho fotográfico concentrou-se sobre o Festival Beltaine e tem como ponto principal a identificação dos aspectos significativos do ritual Wicca. O registro foi realizado no espaço da Hera Mágica, local de rituais e cursos de bruxaria no bairro da Vila Mariana, em São Paulo.

## Metodologia

O registro fotográfico teve como objetivo fotografar para descobrir a lógica do ritual e depois usar as imagens como fonte de informação em entrevistas com os donos da Hera Mágica e praticantes de rituais que freqüentam o espaço. As fotos foram realizadas no mês de maio, em noite de lua cheia, às nove horas da noite. A primeira seqüência do ritual foi realizada com filme cromo Provia 100 da Fuji, puxado para ISO 400. Os tempos de exposição, devido à baixa luz, foram realizados de 1/8 a 1/15 segundos, o que resultou em imagens com o registro dos movimentos dos participantes do ritual. Foram realizadas nove imagens. O equipamento fotográfico empregado para o registro foi uma máquina fotográfica EOS 5 da Canon, com o uso em modo manual. Duas objetivas foram utilizadas: uma 24mm f/2.8 e uma zoom 28 - 105mm f/3.5 - f/5.6.

O Festival Beltaine (a segunda parte do ritual) foi registrado em filme negativo Fuji superia 200, puxado para 400. Neste, foram realizadas 17 imagens, as exposições mantiveram os mesmos tempos de exposição. As fotos do cromo foram digitalizadas para compor a seqüência de imagens do ritual. As fotos foram usadas em entrevista com Patrícia Fox e Cláudio Crow Quintino, donos da Hera Mágica, local do ritual, no final de outubro.

No procedimento em campo buscou-se a postura mais discreta possível. A câmera ficou fixa no tripé e procurei ficar integrada ao ritual com o mínimo possível de interferência. Foi impossível a movimentação, dada a própria natureza do acontecimento e o número de pessoas no local. Poucas imagens foram de detalhes, o que evitou o manuseio constante do equipamento em trocas de objetivas, enquadramentos e foco. As fotos foram organizadas em seqüência pelos entrevistados para explicar o ritual. O número final de doze imagens é o resultado de um conjunto necessário para descrever os procedimentos. As dificuldades técnicas encontradas devido à baixa luz foram compensadas com o uso do texto-legenda para complementar a informação e conferir mais eficiência na transmissão da

informação.

### ***O tema do registro fotográfico***

As bruxas povoam o imaginário de diversas culturas. Conhecidas como más ou sábias, não se pode negar a importância de suas práticas na preservação de conhecimentos muito antigos. E, mesmo com as perseguições e conotações negativas, as práticas da bruxaria seguem de tempos imemoriais até os dias de hoje. Não ter desaparecido, passar por uma crescente visibilidade e apresentar um número crescente de adeptos e curiosos nos faz pensar sobre o que leva o público da bruxaria moderna a querer religar suas crenças ao que se chama hoje de neopaganismo. A bruxaria atual possui diversas vertentes para construir novas referências. Os praticantes e estudiosos entendem que a antiga bruxaria sofreu muitas influências ao longo de sua história e, por se tratar originalmente de uma cultura oral, é impossível recuperar determinadas concepções das práticas com a mentalidade e os conceitos envolvidos nos rituais dos povos antigos que cultuavam as deidades da natureza. As referências mais citadas são os povos celtas, os índios e os negros como fortes influências.

Na Hera Mágica, o roteiro dos rituais segue as práticas do Druidismo, que privilegia as práticas xamânicas de cura. Druidas e Xamãs têm filosofias e práticas semelhantes e, por isso, há uma mescla na utilização dos conhecimentos. Tudo tem vida e alma. O controle e conhecimento dos elementos da natureza são importantes para a vida do grupo, do indivíduo e da comunidade.

O trabalho desenvolvido parte da idéia de que a magia continua nos dias de hoje, em contexto diferenciado, mas com o objetivo de trabalhar a subjetividade pouco referenciada na cultura racional, que hierarquiza a religião, o feminino e o masculino, o corpo dos sentimentos e fragmenta os seres a ponto de distanciá-los da própria natureza corporal, mental e espiritual.

Os usos de oráculos, ervas, florais, banhos remetem a conhecimentos ou ao contato com conhecimentos antigos que levam os praticantes da Wicca a vivenciar as necessidades de valorização do feminino. O "feminino" é harmonizar com o masculino e muitas das práticas de cura e magia são usadas pelas mulheres como forma de compreensão e equilíbrio emocional de vários aspectos subjetivos. O Festival Beltaine congrega vários dos princípios da bruxaria e o registro fotográfico, junto com o memorial descritivo, conseguem, em vários pontos, identificar como é construída a representação de vários dos elementos significativos da Wicca ou da bruxaria moderna.

Termos como Wicca, Druidismo, Xamanismo, em um primeiro momento, podem criar confusão sobre o que são os rituais da Hera Mágica mas, na entrevista com Cláudio Quirino e Patrícia Fox, ex-

plica-se como os rótulos são difíceis, porque os princípios são muito parecidos e o fato de acontecerem em lugares diferentes só reforça o argumento da universalidade dos significados. Para eles, isto comprova a necessidade das pessoas em torno de uma prática que envolve a relação com a natureza e a compreensão de si com o todo: espírito, corpo, mente e a comunidade.

O ritual é dividido em duas partes. A primeira é a preparação, com a construção tempo e do espaço sagrado, ela é fixa. A segunda é uma comemoração ligada ao calendário Celta. O Beltaine é comemorado no verão, no hemisfério Norte. No Brasil, ele pode ser comemorado no mês de maio, em pleno inverno na região sudeste, pela associação com o mês das noivas e as representações de casamento e fertilidade, sentido do Beltaine na tradição Celta.

## Magia e Cura

Segundo Silas Guerreiro, a magia tem finalidade prática e por isso ela existe e é utilizada até hoje. O autor de *A Magia Existe?* observa que ela vem crescendo, como demonstram os jornais, revistas sobre bruxaria e livros voltados para o público ligado em esoterismo e misticismo. Como função emocional, a magia é usada na busca de equilíbrio das emoções e sentimentos subjetivos. Os rituais motivados por crenças míticas são usados em finalidades mágicas, a exemplo de como ser bem sucedido na profissão. Diante de como era o pensamento mágico do passado e o de hoje, o autor o analisa como algo mais complexo e hoje mais simplista. Antes o mago tinha a finalidade de intervir na ordem geral da natureza e controlar forças ocultas, direcionando-as para fins específicos como o de curar doenças, ligar o que está separado fisicamente. Hoje, a magia está tão ligada ao dia-a-dia das pessoas que poderia ser classificada como uma magia difusa nos gestos inconscientes do sinal da cruz, de pular as sete ondas, de acender incenso, como também a magia de tempos imemoriais, algo mais profundo e até obscuro.

As práticas de bruxaria fazem referência a uma divindade feminina, a Deusa, e ela está ligada à fertilidade, à força que nutre, pois constitui o lado feminino de Deus. A wicca é a religião que melhor representa o culto à Deusa e ao Sagrado feminino. Criada pelo inglês Gerald Gardner, Wic vem do radical anglo-saxônico que significa sabedoria, magia e religião; witch é bruxo ou bruxa. Segundo Cláudio Quirino, ao criar a wicca, Gardner fundiu as práticas mágicas das sociedades secretas ao culto à Natureza e ao Divino Feminino.

Na atualidade, jovens buscam os ensinamentos e os rituais da bruxaria e passam a negar os valores das religiões contrárias às práticas pagãs. A adoração à natureza, o apoio aos movimentos ecológicos e as referências visuais ao tribal nas tatuagens e interesse pela mito-



logia revelam a necessidade de ligar-se ao que foi perdido, o que é percebido na busca do que é mágico. Pentáculos, cálices, talismãs, bastão, caldeirão, vassoura são objetos das práticas mágicas e os magos estão representados nos terapeutas alternativos, xamãs, pais-de-santo, médiuns. A magia dos povos antigos está entre os praticantes mais dedicados à wicca através da simbologia.

## Feminino

A natureza do que é essa essência do feminino e como se torna necessária a sua compreensão para dar espaço social à mulher também tem sua abordagem na Psicologia por Clarissa Pinkola Estés. A necessidade de um resgate das origens da compreensão do que é o feminino por parte de mulheres passa pelos aspectos de reaprender a usar a intuição, observar os mecanismos internos de compreensão da psiquê para poder analisar e entender determinados comportamentos à primeira vista instintivos: a concepção da deusa representada nas forças da natureza, o fogo, o ar, o vento e a água. A argumentação reside na concepção de que existe uma mulher social que perdeu a completa ligação com os seus verdadeiros estados naturais e psicológicos. As representações culturais mais antigas talvez se coloquem de forma mais presente por estarem em uso social e localizadas em regiões onde a própria natureza se faz presente e é fonte inspiradora para as práticas de cura da mulher. Na observação de uma prática de inspiração ecológica do que é o feminino, de como ele é compreendido e tratado em um conhecimento estruturado por séculos, percebermos as associações desse feminino nas práticas dos grandes centros, como o registrado na Hera Mágica.

## A magia no contexto da história do Brasil

No início do século XVIII, um bispo do Pará, Dom Frei Caetano Brandão, declara: “é melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com o médico de Lisboa” (PRIORE, 2001, p.78). O depoimento de um membro da igreja católica demonstra a descrença no tratamento dos médicos da época. A desconfiança da sociedade era fruto da fraca formação dos médicos de Portugal que aportavam no Brasil. Na Europa, as descobertas da medicina já avançavam para uma formação mais humanista e muitas crendices haviam caído por terra. A cultura implantada pelos médicos portugueses sobre o tratamento de diversas doenças era com base na relação de pecado e doença. E, no caso da mulher, a situação era dramática, pelo desconhecimento do corpo feminino. Vigorava a idéia de um corpo com objetivos ape-

nas de procriação e, quando fora desta perspectiva, recaía a idéia de anormalidade. A nova ciência médica era pautada sobre um saber masculino e a natureza feminina, quando “ordenada pela genitália”, transformava a mulher em um monstro ou numa eterna enferma, com problemas que passavam pela: melancolia, o corpo se abria para males maiores como a histeria, o furor da madre e a ninfomania” (PRIORE, 2001, p.83).

Além do pouco conhecimento e do reduzido número de médicos, os que existiam decidiam fixar-se nas grandes regiões, relegando às povoações mais distantes as mãos das “curiosas”. Como coloca Mary Del Priore no artigo *Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino*, os conhecimentos transmitidos nas várias gerações de mães e filhas dava uma outra leitura do corpo e de como tratar os males e as doenças femininas. A autora se propõe a analisar como os saberes se davam e compara como eram as práticas das curandeiras, benzedeadas, dos médicos formados e da própria igreja, que também se utilizava de práticas pouco religiosas na orientação dos fiéis.

Mesmo com o curandeirismo perseguido pelas autoridades civis e religiosas, a única forma de acesso a um tratamento era através dos “médicos do povo” e eles eram bem recebidos pela população dos povoados, zonas rurais e grandes centros urbanos. Apesar do conhecimento exclusivamente empírico, eram respeitados e tinham crédito na execução da cura. Recorrer a uma cura mágica era, em muitos dos casos, a única opção. O corpo adquiria concepção mágica e a doença era vista como algo sobrenatural e como tal era tratada, com gestos e orações das benzedeadas. As curandeiras utilizavam plantas, minerais e animais na fabricação de remédios e, junto com a cultura africana e indígena, complementavam as cerimônias com uso de talismãs, amuletos e fetiches. Os rituais de cura ou operações mágicas resolviam problemas de baixo ventre, por exemplo. No ritual, a curandeira, além de utilizar plantas e aplicá-las ao corpo da paciente, repetia três vezes uma reza em português:

Assim como as águas do mar  
Saem do mar  
E tornam para o mar  
Assim o vento d'esta criatura  
Torne ao seu lugar (PRIORE, 2001, p.89).

Para os quebrantos de crianças, homens e mulheres, era comum chamar uma benzedeadada, que usava figuras da religião católica para tratar de males de dores de cabeça, febre, dor no corpo e desânimo. A flora medicinal encontrada na colônia era agregada a poderes mágicos. As maiores queixas eram de dores no ventre, os “males da madre”.

Na disputa pelo direito de proferir as palavras santas e mágicas, a igreja lançou feroz perseguição às curandeiras e benzedeadas, pelo

uso de suas orações, rezas e bênçãos. A inquisição impunha: “se não é de virtude divina só pode ser coisa do diabo” (PRIORE, 2001, p.92). A comunicação com o sobrenatural era um privilégio dos médicos e da igreja.

As curandeiras usavam elementos com analogia à natureza, as plantas com formas iguais as do corpo humano que, para elas, eram as de maior poder de cura. Os usos eram aplicados aos fluxos de mulheres com doenças venéreas, hemorragias, inflamações e bichos existentes no ventre. A medicina erudita também era carregada de um conhecimento popular, mas com roupagem de científico. As práticas médicas combinavam plantas para uso terapêutico e práticas mágicas. Para a medicina, os males e a saúde da mulher eram comandados pelo útero. A não compreensão do corpo feminino pelos médicos, igreja e sociedade de pensamento masculino gerava interpretações malévolas sobre a possibilidade de gerar monstros. O desconhecido corpo da mulher era propício a feitiços. Acreditava-se nas influências cósmicas e era necessário cumprir o ciclo natural como filha, mulher e mãe. A ausência das “regras” levava muitas delas às práticas mágicas que, através das benzedeiças, misturavam aos rituais a prática do religioso e do mágico.

Assim pesa `a Virgem Maria  
Como à mulher que ao sábado fia  
E à véspera de seu dia;  
Pelo poder de Deus  
De São Pedro e São Paulo  
E da Virgem Maria  
Que logo estancado seria  
E mais aqui não correria. (PRIORE, 2001, p.106)

Diante dos fracassos médicos, o uso dos recursos de reza, benzi-mento e até de feitiços, as práticas das curas mágicas traziam à tona um saber das mulheres que eram mais familiarizadas com o corpo e com a natureza e descobriam na troca de informações suas reais correspondências.

## Doutoras sem título

As práticas de cura do feminino vêm de tempos imemoriais, como relata Priore. Elas faziam os abortos, aconselhavam sobre o uso de determinadas ervas e faziam os partos. O reconhecimento de sua importância era consenso. Era de domínio do feminino os assuntos de nascimento, vida e morte e, por isso, para a igreja e a ciência, eram tratadas como malditas. Por serem mulheres e pelo conhecimento que estava fora do alcance, eram criaturas perigosas.

O poder terapêutico das rezas, das práticas ritualísticas e o conhe-



**Fig. 1.**  
Patrícia Fox faz uma apresentação sobre o significado do Festival Beltaine para as pessoas presentes. Hera Mágica, maio de 2004.



**Fig. 2.**  
O espaço sagrado e a construção do tempo Hera Mágica, maio de 2004.



**Fig. 3.**  
Patrícia Fox borrifa uma essência de alfazema durante o relaxamento Hera Mágica, maio de 2004.

cimento de várias ervas colocavam as mulheres em situação privilegiada em relação aos médicos formados, perante a sociedade, na cura dos humores e da infertilidade. O conhecimento da natureza e o uso de analogias, para se fazer compreender em suas práticas, representavam uma forma de resistência ao poder masculino, que não entendia a mulher e a transformava socialmente em um ser puro e casto, útil à procriação, ou diabólico.

## Prancha 1

### APRESENTAÇÃO

Comemorado pelos antigos Celtas, povos agricultores do período pré-cristão, tem o significado de fertilidade, força, sensualidade, inspiração. No hemisfério Norte, é praticado no Verão (v. fig. 1).

## Prancha 2

### INÍCIO DO RITUAL

No meio do círculo, o fogo do caldeirão é aceso. O caldeirão representa o espírito das pessoas presentes, é um momento de convergência. Ao tornar o círculo vivo, o fogo representa cada pessoa (v. fig. 2).

## Prancha 3

### OS TRÊS CORPOS E A SAUDAÇÃO AOS ESPÍRITOS

As pessoas, durante o ritual, fazem um relaxamento para harmonizar os três corpos: o físico, o mental e o espiritual.

Patrícia Fox comanda a saudação aos espíritos do local. É importante saudar e trabalhar com os espíritos, sejam os presentes no local como também os espíritos ancestrais de cada um dos presentes.

A saudação é de influência druídica e permite a integração com a espiritualidade local, independente de o praticante ser um brasileiro, europeu ou africano.

No cumprimento dos espíritos do local e espíritos ancestrais, há uma preparação para o contato com as energias invisíveis, já presentes no local. As pessoas já foram harmonizadas para receber as energias (v. fig. 3).

## Prancha 4

### O TAMBOR E A TRIÁDE

O toque do tambor representa o despertar da terra, o pulsar do



**Fig. 4.**  
Patrícia toca o tambor e passa por cada participante. Hera Mágica, maio de 2004.



**Fig. 5.**  
Cristiane Garcia (Kiki) chama os espíritos dos três reinos: Terra, água e Ar. Hera Mágica, maio de 2004.



**Fig. 6.**  
Cláudio Quirino (1º plano) representa o ar, ao leste; Marcos Reis (2º plano), o fogo, ao Sul; Vânia Psique, a água, ao Oeste, e Patrícia Fox, a terra, ao Norte. Hera Mágica, maio de 2004.

coração. Acontecem as conexões do coração do grupo, do coração da terra e o coração de cada indivíduo.

Nas tradições druídicas, as situações tríades são constantes. A conexão do grupo representa o curar a si mesmo, curar a comunidade e o curar a terra (v. fig. 4).

## Prancha 5

### OS TRÊS REINOS

O elemento Terra é representado pelo Lobo Guará, um totem.

Nesse momento, a ancestralidade pode ser pensada de forma tríade através de uma ancestralidade sangüínea, espiritual e local. O lobo guará pode ser substituído por uma raposa da Inglaterra. Pela tradição druídica, nossa ancestralidade pode ser de tempos vividos em outros continentes (v. fig. 5).

## Prancha 6

### OS QUATRO ELEMENTOS E AS DIREÇÕES

Ao chamar as quatro direções, as pessoas presentes devem chamá-las também para si. Dentro do círculo, os quatro elementos representam o universo como um todo. Representam um “sei onde estou”. A disposição na forma de cruz lembra a origem do símbolo como pré-cristão. Cláudio faz o apelo por Paz em todas as direções:

“Que haja paz acima e abaixo no norte, que haja paz no sul acima e abaixo...”

Ao potencializar a presença e harmonizar o círculo, está formado o espaço sagrado e a construção do tempo. Começa o Festival Beltaine (v. fig. 6).

## Prancha 7

### BELTAINE: FESTIVAL DE VIDA E FERTILIDADE

O Beltaine era praticado pelos povos celtas da Irlanda para purificar e proteger o gado de espíritos maléficos. (v. fig. 6 e 8)

## Prancha 8

### PURIFICAÇÃO (v. fig. 9)



**Fig. 7.**  
As pessoas passam entre as duas tochas de fogo ao toque de um tambor com o intuito de purificar-se.



**Fig. 8.**  
O casal representa o casamento, que é sagrado. Eles servem pão e vinho. É o momento em que todos participam e compartilham. O Beltaine simboliza a harmonia entre o masculino e o feminino para que a vida continue. Hera Mágica,



**Fig. 9.**  
Patrícia Fox agradece ao fogo pela purificação Hera Mágica, maio de 2004.

## Prancha 9

MANTRA

## Prancha 10

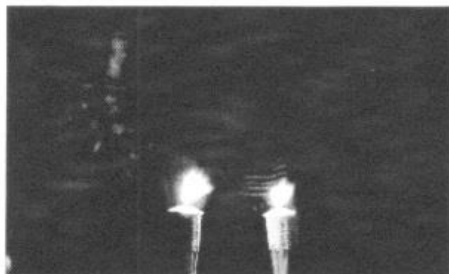
FINAL

É no acontecimento do purificar, comer e evocar (cantar) que acontece a transformação pretendida no ritual. Pedidos foram feitos e queimados no caldeirão.

## Algumas considerações

O presente trabalho teve o objetivo central de apontar algumas possibilidades, não pretendendo, de modo algum, estabelecer qualquer forma pronta e acabada de reflexão e prática acerca do uso da imagem. A técnica da entrevista para chegar à elaboração da narrativa textual e visual, ou seja, fotografar para conhecer alguns significados representados no ritual foi eficiente nos resultados. Sabemos que muitos aspectos conceituais e metodológicos foram superficiais e que uma pesquisa aprofundada exige uma investigação do assunto tratado e uma metodologia mais elaborada.

Apesar disso, podemos apresentar algumas considerações, a saber: que a fotografia necessita de rigor na função de repasse de informação, o que pode ser alcançado pelo texto verbal que, nesta condição, será o ordenador do discurso, seja ele científico ou jornalístico. A imagem, portanto, precisa do texto. Isso nos leva a afirmar que a fotografia não é de conteúdo universal, necessita de aprendizado para a leitura acessar as mensagens contidas nas representações apresentadas como realidade.

**Fig. 10.**

Um mantra é entoado para despertar a inspiração. A música é considerada sagrada, pois, por meio dela, o espírito flui e é realizada a conexão com o divino. Hera Mágica, maio de 2004

**Fig. 11.**

idem nota 10.

**Fig. 12.**

Patrícia agradece a todas as pessoas responsáveis pela construção do tempo e o espaço sagrado (círculo) e eles são devolvidos e desfeitos. Hera Mágica, maio de 2004.

## Referências

DARBON, Sébastien. **O etnólogo e suas imagens**, In SAMAIN, Etienne.(org.). O fotográfico, 2ª edição, São Paulo, Editora Hucitec, 2005.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. - Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (Arcos do Tempo).

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua Linguagem**. Espaço e tempo, Rio de Janeiro, 1988.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. Ateliê Editorial, São Paulo, 1999.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In SAMAIN, Etienne (org.). O Fotográfico. São Paulo Hucitec, 1998.

ORR, Emma Restall. **Ritual: Um Guia para o Amor, a Vida e a Inspiração**. Tradução Claudio Crow Quirino. Hi-Brasil, São Paulo, 2002.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. In **Desafios da Imagem: Fotografia iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PRIORE, Del Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 4. ed. - São Paulo: Contexto, 2001.

SALGADO, Sebastião, **Êxodos**. São Paulo, Companhia da Letras, 2000.

SAMAIN, Etienne. Balinese Character (re)visitado, in Alves, André. **Os Argonautas do Mangue**, São Paulo - Campinas Imprensa Oficial e Editora da Unicamp, 2004.

SILAS, Guerriero. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**: tradução Paulo Henrique Brito, São Paulo Companhia das Letras, 2003.